



METROPOLE

SSA-BA

18 ABR 2024

277 x 129

FOI POR POUCO

Por apenas 20 votos a mais que o necessário, Câmara dos Deputados mantém na cadeia acusado de mandar matar Marielle em sessão que expôs o alto nível de corporativismo na Casa. Págs. 2 e 3



Bernardo Mello Franco e Eliane Cantanhêde comentam o que está por trás do conflito Lira x Padilha. Pág. 4



Ambientalistas se unem a grupos de arquitetos e somam vitórias contra política do concreto na cidade. Pág. 8



Maior comício do movimento Diretas Já completa 40 anos e reforça legado da luta pela democracia. Pág. 11

Prenda-me se for capaz

Articulação na Câmara para soltar Chiquinho Brazão fracassa, mas diferença apertada mostra força do corporativismo parlamentar

zeca ribeiro/câmara dos deputados



Texto **Jairo Costa Jr.**

jairo.costa@radiometropole.com.br

Embora boa parte dos brasileiros tenha sentido alívio com a decisão da Câmara de manter na cadeia o deputado carioca Chiquinho Brazão (ex-União Brasil), acusado de ser um dos mandantes do assassinato da vereadora Marielle Franco (Psol-RJ) e do motorista Anderson Gomes em 2018, o placar da sessão realizada na noite do último dia 10 mostra que por uma margem pequena de votos o parlamentar acusado de envolvimento com grupos milicianos da zona oeste do Rio de Janeiro não foi liberado da prisão. A radiografia numérica revela ainda a força do corporativismo que impera na Casa, mesmo com provas robustas de que ele participou diretamente da execução e de uma série de outros crimes.

Matematicamente, eram necessários 257 votos favoráveis à prisão, a chamada maioria absoluta. Foram computados 277, ante 129 contrários à permanência de Brazão na penitenciária de segurança máxima de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Ou seja, se 21 parlamentares tivessem embarcado na turma do “não”, o deputado estaria livre para retomar as atividades no Congresso Nacional, repetindo um episódio que, cerca de quatro anos atrás, expôs as dificuldades da Câmara em cortar na própria carne. Para entender, é preciso entrar no túnel do tempo.

REFERÊNCIA

Em 5 de fevereiro de 2020, o plenário da Casa se reuniu para analisar o afastamento do deputado paraibano Wilson Santiago (Republicanos), à época eleito pelo PTB. Ele teve o mandato no Congresso suspenso em 2019 por ordem do então ministro Celso de Mello, do Supremo Tribunal Federal (STF), sob acusação de receber propina em obras superfaturadas na adutora Capivara, no interior da Paraíba, e cometer crimes de peculato, lavagem de dinheiro, fraude licitatória e formação de organização criminosa. No entanto, apenas 170 parlamentares se posicionaram a favor da medida imposta pelo STF, graças a uma manobra costurada pelo centrão.

Na ocasião, aliados de Santiago operaram para que 101 parlamentares se ausentassem. Foi exatamente o que as siglas do centro fizeram na quarta-feira da semana passada, através de uma mobilização para reduzir a

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**
Coordenação **Mariana Bamberg**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Bélit Loiane, Jairo Costa Jr., Laisa Gama, Kamille Martinho e Mariana Bamberg**
Revisão **Redação**

Comercial (71) 3505-5022
comercial@jornaldametropole.com.br
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambuco - CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

presença em plenário e tentar impedir que a votação alcançasse o mínimo necessário para manter Brazão na cela em Campo Grande, onde cumpre prisão preventiva desde 24 de março, por meio de decisão monocrática do ministro Alexandre de Moraes, posteriormente referendada pela Primeira Turma do Supremo. Por muito pouco as articulações do centrão não deram certo.

Ao todo, 79 deputados não deram as caras na votação. Outros 28 compareceram, mas se abstiveram. O que resultou em 107 parlamentares que podiam votar, mas preferiram lavar as mãos. Em números absolutos, a bancada do Rio de Janeiro, reduto eleitoral de Brazão, despejou 19 votos contrários à prisão, seguida pela de Minas Gerais (15) e a de São Paulo (12), respectivamente, terceira, segunda e primeira em quantidade de integrantes na Câmara. Logo abaixo, vem o Rio Grande do Sul (9). Percentualmente, a

conta descortina de onde saíram as maiores parcelas de apoio à soltura do parlamentar.

No total, 62,5% das bancadas do Mato Grosso e Tocantins se posicionaram contra a prisão do deputado. A proporção foi cinco votos de um total de oito. Na sequência, aparece Santa Catarina, onde metade dos 16 parlamentares engrossaram a tropa de Brazão. A do Espírito Santo também teve alta taxa de apoio à soltura, com quatro dos nove integrantes discordando da medida. Os dados refletem a grande penetração do bolsonarismo nos sete estados.

TROPA BAIANA

Em contrapartida, estados com forte eleitorado de esquerda, como a Bahia, ajudaram a impedir a libertação do político. Dos 39 parlamentares da bancada baiana na Câmara Federal, somente cinco vota-

ram para revogar a prisão, quatro deles do União Brasil, partido do qual Brazão acabou expulso no rastro da denúncia que o incriminou como um dos mandantes do assassinato de Marielle. São eles Paulo Azi, Dal Barreto, José Rocha e Elmar Nascimento, cotado para presidir a Câmara a partir de 2025. O quinto foi Capitão Alden (PL), linha de frente do bolsonarismo no Congresso.

O placar registrou ainda seis deputados da Bahia ausentes à votação: Adolfo Viana (PSDB), Alex Santana (Republicanos), Jonga Bacelar (PL), Waldenor Pereira (PT), Neto Carletto (PP) e Roberta Roma (PL). Outros quatro lavaram as mãos e se abstiveram em plenário. Lista da qual fazem parte Arthur Maia (União Brasil), João Leão (PP), Paulo Magalhães (PSD) e Leur Lomanto Júnior (União Brasil), presidente do Conselho de Ética da Câmara. Os 24 restantes ajudaram a manter Brazão na tranca.

bruno spada/câmara dos deputados



ESPECIAL



METROPOLE

Taxa partidária e influência de Lira

Como era fácil supor, partidos alinhados ao ex-presidente Jair Bolsonaro ou com forte viés conservador foram responsáveis pela maioria dos votos a favor de Chiquinho Brazão. Somente do PL, maior bancada da Câmara, 71 deputados se posicionaram contra a prisão. Outros sete remaram em direção oposta, e 17 se abstiveram ou sequer apareceram. Do União Brasil, a relação foi, respectivamente, de 22, 16 e 20. Apesar do número menor de votos favoráveis ao parlamentar do Rio, PP (10) e Republicanos (8) registraram altas taxas de ausências e abstenções, com 22 e 14 integrantes que abdicaram de se posicionar na sessão.

Todas as quatro legendas sofrem forte influência do atual presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), que embora esteja impedido regimentalmente de votar, liderou pessoalmente as

articulações para evitar que Brazão continuasse preso. Algo que poderia ocorrer caso bancadas como a do PT, MDB, PSD, PSB, PDT e Psol não tivesse comparecido em peso para derrotar os cardeais do centrão. Sozinhos, os seis partidos somaram 173 votos favoráveis à permanência do parlamentar na penitenciária federal do Mato Grosso.

DESISTÊNCIA EM BLOCO

Uma prova clara das dificuldades da Câmara em punir Chiquinho Brazão foi dada na manhã de quarta-feira (17), quando os três deputados sorteados inicialmente para integrar a lista de prováveis relatores do processo de cassação do parlamentar no Conselho de Ética recusaram a função. Ricardo Ayres (Republicanos-TO) disse que já havia sido escolhido

como relator para outra representação no colegiado. Bruno Ganem (Podemos-SP) alegou a necessidade de se dedicar à pré-candidatura a prefeito de Indaiatuba, no interior de São Paulo. Já Gabriel Mota (Republicanos-RR) sequer justificou a recusa até o fechamento desta edição.

Com isso, o Conselho de Ética sorteou nova lista tríplice para escolher o relator do processo: Jack Rocha (PT-ES), Rosângela Reis (PL-MG) e Joseildo Ramos (PT-BA). Agora, caberá ao presidente do colegiado, o baiano Leur Lomanto Júnior (União Brasil), definir qual deles assumirá a função. A partir daí, vão acontecer mais dois testes de fogo. O primeiro deles é consolidar posição favorável à cassação dentro do próprio colegiado. O segundo, e mais difícil, será manter o mesmo entendimento no plenário com a maioria dos 513 deputados da Casa.



Modus faca no pescoço

Na Metropole, os jornalistas Bernardo Mello Franco e Eliane Cantanhêde analisam conflito entre Arthur Lira e Alexandre Padilha, que acabou expondo desgaste entre o Planalto e a Câmara

Texto Mariana Bamberg

mariana.bamberg@radiometropole.com.br

O modus faca no pescoço voltou a ser ativado na presidência da Câmara dos Deputados, expondo desgastes e acirrando o embate entre a Casa e o Palácio do Planalto. O ministro da Secretaria das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, foi chamado publicamente de “incompetente” e “desafeto pessoal” pelo presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL). Ele acusa o ministro de vaziar notícias para desestabilizar e enfraquecer o parlamento. As declarações movimentaram a cena política e geraram respostas do próprio Padilha, do presidente Lula e até do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

Não é a primeira vez que Lira ativa esse modus operandi de maneira tão escancarada. No ano passado, em meio às negociações para a chamada MP dos Ministérios, o parlamentar chegou a afirmar que o Congresso não poderia ser culpado por uma derrota do presidente Lula porque o “problema estava no Planalto”. Por trás disso, estava a cobrança do centrão por agilidade na liberação de emendas e na nomeação de cargos.

De lá para cá, Lira já conseguiu mais espaço no primeiro escalão do governo: por sua indicação, André Fufuca (PP-MA) passou a comandar o Ministério do Esporte. E na presidência da Caixa Econômica Federal assumiu Carlos Vieira, apadrinhado do presidente da Câmara. Ainda assim, algo incomoda Lira. O jornalista e escritor Bernardo Mello Franco, em entrevista à **Rádio Me-**

tropole, explicou o motivo do descontentamento: o fim do orçamento secreto e das emendas. Para ele, essa é uma disputa por “poder e dinheiro do orçamento da União”.

“Tudo que envolve Lira tem que ser visto por essa perspectiva. Você tem um presidente da Câmara que se acostumou, no governo passado, a mandar no Orçamento da República. O orçamento secreto, as emendas pix, uma série de mecanismos que foram feitos no governo Bolsonaro e que deram um poder quase absoluto sobre a destinação do dinheiro público. Quem estava governando de fato era Lira, o centrão. Isso mudou desde o começo do governo Lula, primeiro porque o Supremo acabou com o orçamento secreto, e depois porque o governo introduziu a ideia de ter ministros decidindo para onde vai o dinheiro público”, apontou o jornalista.

O presidente da Câmara é historicamente um personagem poderoso, afinal ele está na linha de sucessão do presidente da República. No caso de Lira, há um outro fator: o governo não tem maioria no Congresso. Os partidos de esquerda somam cerca de 30 votos dos 513 deputados. Mas só para aprovar um projeto de maioria simples, é preciso 257 votos. Essa correlação de forças deixa o presidente da República na mão do presidente da Câmara, seja ele quem for.

“O Lira é herdeiro direto do Eduardo Cunha, estamos falando de alguém que tem aprendido a regra da negociação com a faca no pescoço [...] O problema do Lira não é o Padilha, é a existência de um ministro que cuida da articulação política, porque no governo Bolsonaro era ele que fazia isso”, explicou.

A sucessão na Câmara

Em resposta aos ataques de Lira, Lula afirmou que “só por teimosia” deixaria Padilha na função. A declaração pode até ter parecido uma defesa ao ministro, mas, para a jornalista Eliane Cantanhêde, também entrevistada na **Metropole**, dá a impressão de que foi o próprio Lira que deu uma sobrevida a Padilha.

“Não acho que Padilha está com essa bola toda, é possível que ele esteja sendo preparado para algum ministério”, disse a jornalista, revelando, que nos bastidores já circulam informações de que ele pode assumir o Ministério da Saúde. Para Cantanhêde, além do orçamento, Lira carrega outro motivo de insatisfação: a ausência de apoio a seu candidato na disputa pela sucessão na presidência da Câmara, o deputado federal baiano Elmar Nascimento (União). “Por que o governo não quer apoiar? Porque apoiar é desagradar outros”, destacou.

Esse embate e outros entre os três Poderes vêm trazendo impactos para o país. “Estamos em meados de abril e cadê a pauta econômica? Ano passado teve até a Reforma Tributária, que ficou 30 anos esperando e saiu. Mas 2024 [parece que] não começou”, analisou.

CHEGOU

O 1º HOSPITAL MUNICIPAL VETERINÁRIO PRO TCHUQUINHO DO PAPAI

Os donos dos cachorros e gatos mais fofinhos do mundo já podem ficar mais tranquilos. A Prefeitura de Salvador acaba de entregar o maior hospital veterinário público do Brasil. Gratuito e com mais de 1.000 m², o hospital conta com emergência 24 horas, equipamentos de ponta, atendimento ambulatorial e clínico, raio-x, ultrassom, hemograma, mais de 70 leitos e uma equipe completa para cuidar com carinho dos nossos pets.



#pratosverem: anúncio com fundo amarelo, a foto de um cachorro e alguns grafismos de coração. No topo, o título: "Chegou o 1º Hospital Municipal Veterinário pro tchuquinho do papai". No lado esquerdo, um texto falando sobre a entrega do novo hospital veterinário de Salvador. Abaixo do texto, temos a marca da Prefeitura de Salvador no formato de uma pata de cachorro.



Moro, Brazão e a métrica imposta pela Lava Jato

Bob Fernandes

Jornalista

O ex-juiz e agora senador Sérgio Moro escapou na semana passada de ter seu mandato cassado em um julgamento do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR). Agora, ele tem um outro julgamento em vista, após a Corregedoria Nacional de Justiça apresentar um relatório apontando que ele, o ex-deputado Deltan Dallagnol e a juíza Gabriela Hardt desviaram cerca de R\$ 2,5 bilhões do governo brasileiro para criar uma fundação para atender interesses privados. Gabriela Hardt já foi afastada na última segunda-feira (15) pelo corregedor-nacional de Justiça, Luis Felipe Salomão. A ex-magistrada da Operação Lava Jato, que atuou como substituta do ex-juiz Sergio Moro na 13ª em Curitiba, foi acusada de violar o princípio da impessoalidade.

Em 9 de abril, o Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Paraná decidiu que o senador Sergio Moro não deve perder o mandato. Por 5 votos a 2, ele foi absolvido das acusações de abuso de poder econômico, caixa 2, e uso indevido dos meios de comunicação na campanha eleitoral em 2022.

Era previsível, o Paraná é um clube fechado. Um professor, Ricardo Costa, da Universidade Federal do Paraná, fez um estudo sobre a origem familiar dos personagens da Lava Jato, promotores,

procuradores, políticos, e boa parte vem do Arena. Eram procuradores, os pais, os avós, figuras centrais no Paraná nos anos da ditadura. É um clube fechado aquilo ali. Eu não tinha nenhuma expectativa positiva em relação ao julgamento que viesse lá do Paraná.

Quando for para o TSE agora [os autores da ação contra Moro ainda podem recorrer no Tribunal Superior Eleitoral], tem uma nova modificação, porque sai o Alexandre de Moraes da turma e entra André Mendonça. Então a coisa fica melhor para ele lá também. Mas, é um personagem que já está profundamente carimbado, independente do fato de manter ou não o seu mandato.

A Lava Jato, como se deu, impôs uma métrica. O que vimos no Congresso Nacional, com a votação apertada para manter a prisão Chiquinho Brazão, e o que temos visto pelo país nesses embates judiciários é a prova de que se impôs essa métrica de tudo pode, em nome da causa tudo vale. Se impôs uma forma de atuar que acostumou a opinião pública naquele bombardeio de anos, que tudo vale, e tudo o que importa é pegar o bandido. Desde que seja, como vimos no caso de Brazão, bandido do outro lado, quando é bandido deles não vale.

A Lava Jato foi muito ruim, porque era uma oportunidade extraordinária, estava tudo [como prova] nos computa-

dores das empreiteiras, todo mundo, os prefeitos, os governadores. Era só chegar e dizer “olha, está todo mundo aqui, nós vamos começar pelo governo que é o governo, mas está tudo aqui”. Mas fizeram outra escolha e aquilo impôs uma métrica.

Os eventuais excessos e desajustes que a gente vê em relação, inclusive, ao funcionamento do Judiciário, tem a ver com o desequilíbrio que existiu a partir daquilo ali.

Esse episódio da votação no caso do Chiquinho Brazão no Congresso é mais um capítulo de uma coisa que está fora do lugar há muito tempo.

A análise foi feita pelo jornalista no programa **Três Pontos, da **Rádio Metropole**, transmitido ao meio-dia às quintas-feiras*

A Lava Jato, como se deu, impôs uma métrica de que, em nome da causa, tudo pode



três pontos ↗

com Mário Kertész,
Janio de Freitas
e Bob Fernandes

Todas as quintas ao meio-dia
Na Rádio e no Youtube.com/PortalMetro1
Reprise às sextas - 19h

Escalada de um conflito

Em entrevista à Rádio Metropole, o jornalista Breno Altman comentou a crescente onda antissemita no mundo e as consequências da retaliação do Irã a um ataque de Israel

Texto Redação

redacao@metro1.com.br

Um conflito envolvendo Irã e Israel deixou o mundo em alerta nos últimos dias. Estados Unidos, França, Reino Unido, Canadá, Austrália e outros países chegaram a emitir avisos à sua população e diplomatas. O sábado (13), em especial, foi marcado por tensão, com a resposta iraniana a um ataque contra sua embaixada na Síria, atribuído a Israel. Cerca de 300 drones e mísseis foram enviados na retaliação, mas a resposta foi tida como “contida”. Em entrevista à **Metro-pole**, Breno Altman, jornalista fundador do Opera Mundi, analisou o cenário do conflito e a onda antissemita no mundo.

O ataque de Israel à embaixada deixou ao menos sete iranianos mortos no dia 1º de abril. A resposta do Irã foi classificada por Altman como “telegrafada e pontual”. Os 300 drones levaram horas para chegar ao seu destino e parte deles foi derrubada pelas Forças israelenses e aliadas. Logo em seguida, o governo iraniano anunciou

que havia concluído os ataques e só reagiria novamente se Israel respondesse.

“O Irã não podia deixar de dar uma resposta. Foi uma agressão violenta e o ataque a uma instalação diplomática, além de ferir convenções internacionais, é considerado um ataque ao país representado. Mas o Irã escolheu uma resposta contida. Soltou todos os sinais, com dias de antecedência, de tal maneira que Israel pudesse ampliar sua defesa e os danos fossem de baixa intensidade”, avaliou o jornalista.

Isso porque o Irã não tem interesse na escalada desse conflito, que só iria gerar impactos para sua economia e sociedade, que tentam se reestabilizar. Mas, do outro lado, segundo Altman, há, sim, em Israel o desejo de aumentar essa sensação de escalada do conflito. O objetivo com isso seria fazer com que os Estados Unidos voltassem a apoiar incondicionalmente o governo de Netanyahu, o primeiro-ministro israelense que vem orquestrando os ataques à Faixa de Gaza na guerra contra o grupo Hamas. Mas, para tanto,

ele dependia de uma retaliação do Irã em largas proporções, o que não aconteceu. “A resposta iraniana foi proporcional, dentro do direito internacional. Uma resposta contida para evitar a escalada”.

O receio de instituições internacionais, como a própria ONU e até o Itamaraty, que já afirmou que acompanha com preocupação a situação, é que os conflitos se tornem uma guerra generalizada no Oriente Médio.

No Conselho de Segurança da ONU, Irã e Israel trocaram acusações e cobraram sanções. Enquanto o representante israelense disse que a máscara do Irã como “patrocinador global do terrorismo” caiu, o iraniano justificou a retaliação afirmando que “não teve outra escolha a não ser exercer o direito de autodefesa”, o mesmo argumento é utilizado por Israel nos ataques à Faixa de Gaza. Mas, para Altman, há uma expressiva diferença entre essas alegações. “O Irã usou o direito de autodefesa de forma muito contida. Já Israel, com o Hamas, protestou a autodefesa para um ataque incessante de características genocidas”, diferencia.

Nova onda

Como judeu, Altman destaca a volta de um crescente ódio aos judeus, que, para ele, tem relação direta com os ataques de Israel aos palestinos. “O sionismo foi muito bem-sucedido nessa campanha de se identificar ao judaísmo, assim, para as massas do mundo, quem está cometendo esses crimes na Faixa de Gaza são os judeus”, pontuou Altman.

O sionismo, como explicou o jornalista, é uma corrente ideológica que estabelece uma solução à perseguição sofrida pelos judeus: a criação de um Estado de supremacia racial judaica no território de Canaã (hoje Palestina). “O problema é que 85% da população da região eram árabes palestinos. Os judeus eram 5%. Como seria possível um Estado de supremacia racial judaica nesse território? Só havia o caminho da colonização, o extermínio”.

Altman classifica Israel como um regime de *apartheid* configurado por lei. Isso porque em 2018 seu parlamento estabeleceu em lei que Israel é um Estado sob supremacia judaica. “Ou seja, é legalmente um Estado racista. Já era, mas não com a transparência própria da extrema-direita de Netanyahu”, concluiu.



Uma luta contra o que há de concreto

Grupos de ambientalistas, arquitetos e urbanistas se unem e somam vitórias contra o avanço da especulação imobiliária e a venda de áreas verdes na cidade

Texto **Laisa Gama**
laisa.gama@metro1.com.br

De Stella Maris ao Corredor da Vitória, Salvador caminha a passos lentos e sufofocantes enquanto a especulação imobiliária se sobrepõe ao desenvolvimento sustentável ao longo de todo o território soteropolitano. Para tentar frear o avanço de empreendimentos que são certeza de lucro para alguns e prejuízos ao meio ambiente e à população, a luta de grupos ambientalistas e entidades da arquitetura e urbanismo vem se unindo e mostrando força.

No último sábado (13), membros de grupos que defendem as causas ambientais na Praia do Buracão, em Stella Maris, no Corredor da Vitória e nas Dunas do Abaeté se uniram com o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-BA) em um encontro com a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, em Salvador. O objetivo era pedir apoio na luta contra o avanço do concreto em Salvador e a venda das áreas verdes. O diálogo com Marina Silva é mais uma das tentativas de reforçar a luta contra diversos projetos propostos ou apoiados pelo Executivo Municipal.

Só nos últimos cinco anos, a prefeitura soteropolitana vendeu 21 terrenos e áreas verdes que foram desafetados por leis aprovadas pela Câmara de Vereadores e oferecidos em sucessivos leilões. Quase todos estão localizados em bairros nobres da cidade, como Barra, Ondina, Alphaville,

Itaigara, Pituba, ou cobiçados pela especulação imobiliária, como Piatã e Federação.

Um dos grupos presentes na reunião com a ministra e que tem feito muito barulho na cena é o SOS Buracão, que luta contra a construção de três prédios pela OR, ligada à Novonor (ex-Odebretch), na Praia do Buracão, no Rio Vermelho. Seus representantes apresentaram para a ministra as certidões de ônus dos terrenos à beira-mar. O material mostra que cerca de 60% da área é propriedade foreira à União (ou seja, de propriedade do Estado, mas com uso permitido ao proprietário mediante pagamento de uma espécie de imposto). A informação abre ainda mais brecha para atuação da instância federal. Segundo os presentes na reunião, a ministra prometeu analisar junto à Secretaria do Patrimônio da União do Planejamento, Orçamento e Gestão (SPU) formas de combater a construção dos empreendimentos, que podem gerar uma grande área de sombreamento sobre a praia.

Para Miguel Shebe, representante do grupo SOS Buracão, a disputa é travada entre aqueles que buscam desenvolvimento sustentável para a cidade e os que querem gerar riscos ao meio ambiente. “Ninguém aqui é contra o desenvolvimento, todo mundo é a favor”, afirma.

Apesar da ameaça iminente e quase que onipresente na cidade, os grupos ambientalistas e de arquitetos vêm somando vitórias diante das frentes do concreto. O Conselho de

Arquitetura e Urbanismo da Bahia (CAU/BA), por exemplo, conseguiu suspender o leilão de uma Área de Proteção Ambiental, no Corredor da Vitória, avaliada em R\$10,9 milhões. Foi ele também o responsável pela ação que suspendeu a venda de um terreno no Itaigara. O caso do Buracão também ganhou apoio, como um projeto do vereador Carlos Muniz, que tramita na Câmara Municipal propondo que os terrenos do empreendimento da OR sejam desapropriados e usados para uma praça e um estacionamento público. A luta ainda é árdua, é verdade, mas a frente contra o concreto é incansável.

21

terrenos e áreas verdes desafetados e colocados a leilão nos últimos cinco anos



danilo puridade/metropress



Planos de saúde para pequenas, médias e grandes empresas.

ANS nº 326861

A Promédica tem o produto que a sua empresa precisa para cuidar da saúde dos seus colaboradores.

Com planos para pequenas, médias e grandes empresas, você tem a chance de investir no melhor para sua equipe, com uma rede de atendimentos de qualidade reconhecida.

Para mais informações, ligue:

(71) 3271-9200.

Promédica 
Muito Mais Saúde



PCC avança sobre setor público em São Paulo

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e articulista da Rádio Metropole

No intervalo de uma semana, os paulistas levaram um tapa na cara duplo da ousadia e do poder da facção que monopoliza o tráfico de drogas no estado mais rico do país. Em duas operações em semanas seguidas, a polícia e a Justiça anunciaram ao Brasil que o Primeiro Comando da Capital era o real dono de duas das principais empresas de ônibus concessionárias do transporte público na capital e de uma série de empresas de limpeza pública e de vigilância que venceram licitações para explorar esses serviços em municípios paulistas.

Na primeira operação policial, foram presos empresários com faturamento de centenas de milhões de reais anuais, e a Prefeitura precisou intervir nas duas empresas operadas indiretamente pela facção. Primeiro, a intervenção se deu para não colapsar o sistema público de transporte, já que as empresas eram, juntas, responsáveis por cerca de um terço da locomoção dos passageiros na capital e em parte da região metropolitana. Depois, para garantir a manutenção de milhares de empregos de funcionários que não sabiam que tinham como empregadores empresários laranjas da organização criminosa. Juntas, a Transwolf e a UpBus tinham uma frota de 1.300 ônibus e, desde que começaram a atuar como concessionárias da Prefeitura de São Paulo, receberam R\$ 5,491 bilhões.

Uma semana depois, na segunda operação, sem vinculação direta com a primeira, a polícia amanheceu com o pé na porta de dezenas de empresários à frente de CNPJs que nos últimos anos venceram licitações em várias prefeituras do interior paulista em polpidos contratos para a prestação de serviços terceirizados de limpeza e vigilância. Entre os presos, três vereadores de diferentes municípios, revelando o óbvio: a

fusão entre a política, na esfera eleitoral, e o tráfico de drogas. E apontando para uma quase injustiça: o julgamento do senso comum quanto ao estado de coisas no campo da criminalidade no Rio de Janeiro, tido como o laboratório do inferno brasileiro quando se fala em droga, tráfico, violência e promiscuidade entre poder público e agentes do crime.

PÓ E CANTOR DE PAGODE

Talvez em São Paulo a coisa seja tão abissal quanto, ou quem sabe maior, justamente por ser mais organizada, profissional, sofisticada. A vulgaridade com que as coisas são feitas no Rio ofuscam a escala com que o tráfico opera em São Paulo. Se com instituições públicas, como a Prefeitura de São Paulo, a facção consegue firmar contratos para faturar coisa da ordem de bilhões de reais, não é preciso muita imaginação para deduzir o seguinte: a quantidade de empresas privadas sólidas que devem funcionar, e sem medo de operações policiais, estruturadas com recursos vindos do tráfico, em coisas rentáveis e seguras, como supermercados, lojas de material de construção, postos de gasolina e farmácias, apenas para citar alguns segmentos. Fora serviços que funcionam de modo que sempre têm público assegurado, como salões de beleza, lanchonetes, restaurantes e lojas de cosméticos e roupas femininas.

Recentemente se viu um influencer marombado cair em desgraça após ser denunciado por usar sua empresa de bombas anabolizantes para disfarçar o que de fato lhe fazia levar vida de milionário: cocaína. As cápsulas supostamente vitamínicas eram o pretexto ideal para a droga da facção circular, mais uma fachada.

Na trilha do pó, a lavanderia do di-

nheiro não serve apenas para limpá-lo, mas principalmente para multiplicá-lo. Se operadores do PCC inseriram 1.300 ônibus num mastodonte como a Prefeitura de São Paulo e se mantiveram invisíveis por tanto tempo para auditores do município, para a Receita Federal e para a polícia, imagine o nó que não dão na economia dos bairros e de cidades menores, na economia privada. O suspeito de chefiar o esquema que fraudava as licitações das prefeituras para beneficiar empresas criadas pelo PCC é o cantor de pagode de nome artístico Latrell Brito, cujo perfil no Instagram tinha um milhão de seguidores e foi removido na terça-feira, após a operação.

A vulgaridade com que as coisas são feitas no Rio ofuscam a escala com que o tráfico opera em São Paulo

Na trilha do pó, a lavanderia do dinheiro não serve apenas para limpá-lo, mas principalmente para multiplicá-lo



40 anos do Vale do povo

Texto **Bélit Loiane**

belit.loiane@metro1.com.br

Há 40 anos, a maior frente ampla da história do Brasil tomou as ruas de São Paulo em busca de um objetivo em comum: 1,5 milhão de pessoas unidas pela esperança de poder decidir, novamente, o próprio futuro e pôr fim ao regime que cerceava os caminhos da população. Considerado o maior movimento das Diretas Já, o Comício do Vale do Anhangabaú completou a marca de quatro décadas nesta semana e se manteve durante a história como referência na consagração da luta contra a Ditadura Militar.

O 'Vale do Povo', como apelidou Ulysses Guimarães - deputado que presidiu a Assembleia Nacional Constituinte -, foi resultado de muita mobilização política e social, que explodiu em 1983. Naquele contexto, o país pegava fogo com passeatas, comícios e protestos. A chama acendeu ainda mais após o deputado federal Dante de Oliveira (PMDB) apresentar a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) para restabelecer as eleições diretas para presidente da República no Brasil.

Uma das integrantes daquela multidão era a baiana Lucileide Cardoso. Nascida no ano do Golpe Militar (1964), ela, que hoje é professora de História na Universidade Federal da Bahia (Ufba), estava estudando em São Paulo naquele ano. "Era um momento em que você era levado

a ser sujeito da história. A memória do mal para a gente era a ditadura e a gente precisava acabar com aquilo", contou ao **Metro1**.

A baiana assistiu ao Comício no topo de um prédio e lembra que durante todo o dia as ruas ficaram lotadas. "Foi de uma emoção tremenda, nunca tínhamos vivido um grau de mobilização daquela", relembrou.

Um dos principais pontos de encontro entre a Bahia e o Comício da Paulista foi a parte cultural e a articulação de deputados estaduais por uma eleição decidida pelo povo. O historiador Taylan Santana Santos destacou ao **Metro1** figuras baianas que encabeçaram o movimento e serviram como uma espécie de mola propulsora da luta.

"Caetano Veloso, Maria Bethânia, Gilberto Gil, nomes consagrados que estiveram na luta pelas diretas e participaram dos comícios disseminados em todo o país. Domingos Leonelli do PSB foi um dos articuladores nacionais. Junto a ele, destaque Francisco Pinto, ex-prefeito de Feira de Santana, preso pela Ditadura a mando do General Geisel por ter feito uma crítica durante o exercício de sua função parlamentar", pontuou.

As memórias de Lucileide e a análise de Taylan ressaltam o Comício como um grito de "basta" dado pelo povo, o que referenda o apelido criado por Ulysses Guimarães à manifestação. "As Diretas foram essa mostra desse caráter popular de que as mudanças políticas no Brasil devem passar pela maioria da população brasileira", explicou Taylan.

Mobilização que levou mais de 1,5 milhão de pessoas às ruas, o Comício do Vale do Anhangabaú completa quatro décadas e reforça legado da luta pela democracia

Derrota da emenda

Apesar da grande mobilização feita em 15 meses, a PEC foi derrotada com 298 votos a favor, 65 contra e três ausências. Ela precisava de 320 votos. Lucileide acompanhou junto com outra multidão a votação e lembra do sentimento de frustração.

No entanto, como nenhum momento histórico acontece de forma isolada, mesmo com a derrota, as Diretas Já tiveram grande responsabilidade para os passos rumo à democracia nos anos seguintes, findando na promulgação da Constituição em 1988 e nas eleições diretas de 1989.

"Independente do resultado no Congresso, o movimento já havia triunfado por conseguir catalisar um sentimento de repúdio popular muito forte à Ditadura. Sentimento esse que galvanizou as eleições de Tancredo Neves e toda a construção democrática no país. As Diretas formaram um efeito catarse, depois de 20 anos de muita censura, repressão, tortura, terrorismo de Estado inescrupuloso, foi um fenômeno de catarse político e cultural do povo brasileiro", disse Taylan.





Vai chover pingos de calor

James Martins

Pensei até que fosse a menopausa, a andropausa ou qualquer outro fenômeno da idade chegando. Mas logo percebi que a sensação de calor absurdo está em todo mundo, inclusive bebês. Até os sacizeiros estão se queixando. E o que mais assusta é ainda ser pertinente escrever este artigo depois das águas de março fecharem o verão, em pleno abril, em pleno outono. Que calor é esse?!? Confesso que, particularmente, não me lembro de já ter sentido outro assim tão insistente, tão opressivo, tão abafado. Falei em susto e espanto e é muito espantoso o fato de que chove, chove, chove... e faz calor. Durante a tempestade e continua quente. A gente toma banho e sua ao mesmo tempo. Achei também que fosse particularidade de Salvador, mas tá assim no Brasil inteiro. Disse Brasil e já corrijo, essa onda de calor é um fenômeno mundial que só reforça a impressão de que estamos vivendo o fim dos tempos, encarnando a realização de todas as piores profecias.

Escolha uma. Por exemplo, o Apocalipse. Está escrito: "O quarto derramou a sua taça sobre o sol. Foi-lhe permitido queimar os homens com fogo. Os homens foram queimados com grande

calor, e eles blasfemaram o nome de Deus, que tinha poder sobre essas pragas; e não se arrependeram para lhe darem glória". Religião à parte, estamos blasfemando a face da terra e o profundo das águas com uma sanha terrível, derrubando as florestas e poluindo tudo em nome de uma noção deturpada de progresso e conforto. E, ao que parece, nem o calor infernal vem sendo capaz de criar o necessário arrependimento e a necessária redesignação de nossa forma de viver. Ultimamente, dei para cantar assim aquele sucesso de Paulo Diniz, em um tom desnecessariamente profético: "Vamos ser outra vez nós dois? Vai chover pingos de calor".

Quem tiver acreditando que irá morar com Elon Musk em Marte, é bom tirar o cavalinho elétrico da chuva. Eu poderia citar dados e mais dados tenebrosos, mencionar o alerta da ONU, mas nem é preciso. O calor tá aí, só não sente quem não quer. Ou pior: não existe essa opção. Podíamos, pelo menos, deixar de derrubar a floresta tropical ao redor da cidade, para fazer condomínios, e restaurar a moradia no centro da cidade, onde um sem números de edifícios estão desabando. Mas, nem isso a gente faz. Queima!

É muito espantoso o fato de que chove, chove, chove... e faz calor. Durante a tempestade e continua quente. A gente toma banho e sua ao mesmo tempo

Quem tiver acreditando que irá morar com Elon Musk em Marte, é bom tirar o cavalinho elétrico da chuva



tomaz silva/agencia brasil





VIVA BROTAS DE
UM JEITO PRIME.



BROTAS·PRIME

RESIDENCIAL

2 SUÍTES & VARANDA

Rua Campinas de Brotas, 594
VISITE DECORADO

1 ou 2 Garagens com Depósito Privativo • Academia
Brinquedoteca • Home Office • Salão de Jogos • Salão de Festas
Espaço Zen • Piscina com Raia e Deck Molhado • Parque Infantil
Quadra Poliesportiva • Quiosque com Churrasqueira

 71 98202-5303
residencialbrotasprime.com.br



Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Nega Lôra

Hoje eu estou igual a carro velho: ligando pra nada.

Só os loucos sabem

Como evitar se estressar no trabalho: não vá trabalhar.

Juninho

Pra mim, a semana deveria acabar na quinta-feira. Primeiro que quando chega nela eu já estou exausto. Segundo que o que eu não fiz até quinta, não é na sexta que vai ser feito.

Buçanha

Esta semana tenho pensado muito em trabalhar com o que eu odeio, porque por amor não está dando certo.

Guto

Paguei a terapia, aluguel, luz e celular. Só me chamem para sair se forem me DAR dinheiro, porque se for gastar só com o transporte, já está caro.

Fausto Silva

Brasil: um país onde solteiro não encontra uma namorada, e o casado tem quatro.

Boto Cor-de-rosa

Se algum amigo te chamar pra praticar crossfit, não vá. Ele não é seu amigo e esse caminho é sem volta.

Zema

Quantos gigas será que tem sua cabeça pra caber tanta abobrinha?

Robertinha

O erro do jovem é recompensar um dia difícil com pedido no *delivery*.

Romilda

Não se engane, tem gente que gosta apenas da sua utilidade e não de você.

Ventiladora suada

Quem nunca foi a última criança a ser buscada na escola não pode querer falar de solidão.

Filho de Jack

Beijo é uma invenção do capitalismo para vender ingresso de festa de adolescente.

Joice

Um dia você é jovem, no outro a pálpebra do seu olho está tremendo por causa do estresse.

Nietzsche

A loucura é rara em indivíduos. Mas em grupos, partidos, nações e eras ela é a regra.

Virgulino

Top piores sensações do mundo: ter que segurar a tosse em um lugar fechado porque já tossiu demais.

Nei

A perna curta da mentira sempre vem acompanhada por uma língua grande.

Ventiladora suada

Quando vão liberar nas empresas a opção de comprar férias ao invés de vender?

Mirna

Fui avisada, mas preferi pagar pra ver. A desobediência nos traz muitas consequências.

Sara

São muitos aprendizados, mas será que eu queria? Fica aí o questionamento.

Malandrinha

O que tiver que ser podia ser mais rápido, né?



Regina Jorge

Gente, como faz denúncia pro CRP? Meu psicólogo insinuou que eu tenho responsabilidade sobre o que se passa comigo.

No céu tem pão?

Sendo sempre eu mesmo, até alguém me dizer que é possível ser um unicórnio.

Bob Marley

Se estiver em dúvida, finja que sabe o que está fazendo. Funciona para metade da população mundial.

Lacerda

Acho que o universo está tentando me ensinar algo que eu não quero aprender.

Flávia Vizinha

Tenho recebido tantos lições da vida, que a quantidade dá para fazer uma caipirinha e ainda vender e viajar para Bahamas. Daqui a pouco, estarei tomando caipirinha nas Bahamas.

Seu João

Queria que meus fones de ouvido usassem os 10% restantes de bateria para funcionar em vez de ficar só fazendo drama de que vai desligar a qualquer momento.

Alonso

Começou o Brasileirão e com ele o fim da minha paz. Apenas os amantes de futebol vão entender.

Pedro Bial

Trabalhando duro, para quê? Para dar a Pingo a vida de luxo que ele merece. No caso, Pingo é meu cachorro.

Maná

Às vezes, o melhor mesmo é se fazer de doida para ter um pouco de paz.

Menina do Trânsito

Depois da final do BBB, já estou juntando meu dinheiro porque o metro quadrado em Cajazeira ficou caro.

Regina Jorge

Todos os dias me pergunto para que levar a vida tão a sério? Rapaz, ninguém vai sair vivo mesmo.

Remi

Não pode usar cotonete no ouvido, coçar o olho, comer besteira... aos poucos somos privados dos pequenos micros prazeres da vida. Qual será o próximo?

Bruninho

Fiz a minha parte, agora estou só esperando Deus fazer a dele.

Resende

Deus disse: desce e arrasa. E eu entendi: desce e trabalha.

Bebeto

Terminar um namoro dói, mas você já gastou 20 reais em um teste de gravidez pra dar negativo?

MC Ronald

Estava vendo o preço de uns apartamentos para sair de casa. Agora, meus pais vão ter que rezar pra Deus me levar, porque está mais barato ir pro céu.

Ana Maria

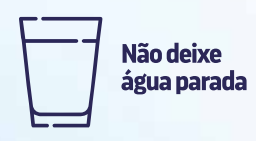
Finja concordar com as pessoas chatas. Elas ficam quietas mais rápido.



TODOS JUNTOS CONTRA A DENGUE

NÃO DEIXE ÁGUA PARADA E PROTEJA SUA FAMÍLIA. DENGUE MATA!

O mosquito que transmite a dengue, a zika e a chikungunya está ameaçando de novo. É hora de a Bahia inteira se unir para acabar com essa ameaça. Faça a sua parte. Em caso de sintomas, reforce a hidratação, não se automedique e procure uma unidade de saúde.



Não deixe água parada



Mantenha o quintal sem lixo e entulho



Tampe tonéis e lixeiras



Limpe ralos e calhas



Limpe diariamente os pratinhos das plantas



Limpe as vasilhas de água e comida dos animais domésticos e de criação



GOVERNO DO ESTADO
BAHIA
SECRETARIA DA SAÚDE

GOVERNO
PRESENTE
FUTURO
PRA GENTE



@saudegovba

saude.ba.gov.br